

Opinião

António Jorge Monteiro*

Gestão das Artes: uma contribuição

A GESTÃO das Artes foi recentemente tema de um Encontro organizado pela Fundação de Serralves e, oportunamente, objecto de notícia na comunicação social.

Esta louvável iniciativa colocou-nos, no entanto, perante o dilema de expressar ou não, publicamente, algumas considerações a propósito de um tema sobre o qual, há já muitos anos, vimos reflectindo e trabalhando. Esta longa reflexão talvez não justificasse este artigo, mas acontece que, desde o início de 1992, estamos envolvidos com algumas personalidades e instituições no projecto de criação, na Área Metropolitana do Porto, de uma Escola de Gestão das Artes.

Este projecto teve como pressupostos a absoluta necessidade de formar pessoas capazes de colaborar intimamente com os agentes e instituições culturais na concepção e implementação de estratégias tendentes ao seu desenvolvimento e à criação de novos públicos, não só nacionais como internacionais, única forma de podermos partilhar as novas oportunidades que nos são oferecidas pelo advento da mundialização dos circuitos culturais.

Portugal, possuidor de um vasto e riquíssimo património natural e cultural, tendo no Turismo um dos seus recursos estratégicos e consciente da cada vez maior importância do turismo cultural, não pode, em nosso entender, deixar de aproveitar o valor económico da cultura como factor gerador de riqueza. Nem pode, também, dispensar quaisquer contributos para colmatar a quase total ausência de formação nas áreas da Promoção e Gestão do Património e das Actividades Culturais — a que, por comodidade, chamaremos Gestão das Artes.

São, no entanto, diversas e fundamentadas as críticas às escolas de gestão em geral, oriun-

das de vários e reputados professores de escolas superiores de gestão e gestores, nomeadamente americanos, o que nos obriga a levá-las em conta no desenvolvimento deste projecto.

Esta Escola de Gestão das Artes que se pretende venha a ser local de encontro e síntese do pensamento contemporâneo sobre esta matéria, centro de competência e informação, terá como objectivo principal a formação multidisciplinar, estruturalmente baseada nas áreas humanísticas, científicas e técnicas. Deverá ter, também, em consideração que, para além de uma formação para a excelência, a motivação dos formandos será determinante e esta deverá ser fomentada e transmitida não só pela instituição, como também por toda a sua envolvente. A criação de um clima motivacional não decorre do esforço de alguns, mas da vontade de todos.

Abordemos agora a estratégica questão do mercado. Quanto aos formandos, sabemos através de dados provenientes de um recente trabalho de pesquisa realizado em Portugal, por Joaquim Azevedo, que, os jovens do 9º ano de escolaridade, entre as novas profissões que gostariam de exercer no futuro, colocam a de gestor em primeiro lugar, sendo ainda de referir que 58% das preferências são femininas. Quanto aos agentes e instituições culturais, face aos sempre novos e complexos ambientes culturais geradores de necessidades igualmente novas e complexas, é fundamental que estejam assessorados por qualificados profissionais. Estes deve-

Hoje, na sociedade super-complexa em que vivemos, não é mais possível aos agentes e instituições culturais resolver os problemas estruturais e/ou estratégicos contratando gestores financeiros com mentalidade de burocratas.

rão não só ter uma grande visão estratégica, como ser inovadores, entusiastas e tolerantes com a diferença, e capazes de compreenderem a natureza sistémica da produção cultural, de assumirem responsabilmente riscos e de ousarem participar na formulação das regras do futuro relacionamento entre os agentes e instituições culturais e o público. Não é suficiente pensar o futuro, é necessário influenciá-lo.

Alguns agentes e instituições culturais já sentem esta nova necessidade. Mas, para o desenvolvimento e consolidação da procura será necessário conceber uma estratégia de marketing-de-desenvolvimento apoiada por uma grande, descentralizada e diversificada campanha de informação, devidamente orientada para a demonstração das vantagens comparativas de terem como assessores pessoas com formação em Gestão das Artes.

Hoje, na sociedade super-complexa em que vivemos, não é mais possível aos agentes e instituições culturais resolver os problemas estruturais e/ou estratégicos contratando gestores financeiros com mentalidade de burocratas.

A mudança permanente é estratégica mas obsolescente do conhecimento que os agentes e instituições culturais têm das suas realidades e das envolventes. Essa mudança gera resistências e potencia conflitos, mas é nossa responsabilidade preparar os mais novos, não só para lidarem e ultrapassarem essas situações, como, e principalmente, para as incorporarem num processo de reflexão, avançando nas reestrutu-

rações organizacionais, que se tornaram vitais à manutenção das instituições.

As organizações não podem continuar a ser entendidas como máquinas subordinadas a comportamentos previsíveis e deterministas. Pelo contrário, devem ser olhadas como organismos vivos e, para paradigma desse novo olhar, pensamos no conceito que a “hipótese de Gaia”, de James Lovelock, consubstancia.

Um outro aspecto, não menos importante e actual, prende-se com os problemas do desemprego, para cuja resolução a formação em Gestão das Artes pode dar o seu contributo. No que se refere ao desemprego real, através da reconversão das capacidades das pessoas, inclusivé as provenientes de outras áreas de actividade. Quanto ao desemprego potencial, através do suporte às estratégias de formação qualificada e continuada, que os agentes e instituições culturais têm que implementar, se quiserem contribuir para sua sobrevivência e, implicitamente, ultrapassarem a eventual necessidade de dispensarem os seus colaboradores. A formação qualificada e continuada tornou-se indispensável ao desenvolvimento sustentado dos agentes e instituições culturais.

A ausência, até agora, de qualquer expressão pública da nossa iniciativa deveu-se ao facto de que, como todos sabemos, a concepção e desenvolvimento de projectos deste tipo corresponde a um processo interactivo de engenharia social, traduzindo-se num avanço por aproximações sucessivas, e cuja natureza nos obriga a não descurarmos outro interessante contributo da ciência, a “teoria da dependência sensível das condições iniciais”, de Edward Lorenz, ou, mais prosaicamente, o chamado efeito borboleta. ■

*consultor em Gestão